

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00. Estrangeiro 80\$00

EDITORIAL

É verdade. A droga que já há anos invadiu o nosso País, fixou-se nas cidades e noutros grandes centros populacionais e já pôs as suas malas em Fão. «Há quanto tempo!... — disse-nos um indivíduo inserido no milieu — E o senhor nem imagina quanta gente já tirou umas passas... Nem sonha!...»

Bem, esta é uma verdade inescamoteável e é com estes dados que temos que repensar a situação. A nossa juventude (alguma) também se deixou inquinhar por esta autêntica praga do séc. XX.

Nós não vamos muito na explicação da droga como resultante do choque de gerações, incompatibilidade entre pais e filhos, desadaptação social do jovem, desinteresse

A DROGA JÁ CHEGOU

dos mais velhos pelos problemas da juventude e outros chavões por aí largamente badalados. Na nossa modesta e elementar maneira de reflectir, entendemos que a droga ou a sua habitação resultam do contágio, do convite, do desejo da novidade, do querer fazer figura, da ausência de medo e sobretudo da falta de esclarecimento e da falta de preparação dos «debutantes». Adquire-se o vício da droga como se adquire o vício do fumo; só que o primeiro (vício) é mais saboroso e muito mais perigoso.

Enquanto o processo da prova e habitação se fixa nas drogas leves, os danos físicos e mentais não se revelam catastróficos. Alguns países liberalizaram até o uso dos produtos ligeiros para desincentivar o uso das drogas mais fortes (heroína, por exemplo). Só que a prática do estimulante menos pesado (marijuana, entre outros) é meio caminho andado para se chegar aos estupefacientes mais enérgicos e então surge o fenómeno

(Continua na página 2)

BOAS FESTAS

A todos os nossos Anunciantes, Colaboradores, Assinantes e Amigos desejamos um Bom Natal e feliz Ano Novo.

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

MANUEL DA SILVA LOPES CARDOSO

Nasceu em Fão este conterrâneo e morreu com 52 anos na Baía no ano de 1887. Seria da família da D. Sarinha ou do Arlindo Cardoso? Não sabemos pois os dados que possuímos são muito escassos.

Novo ainda, como era costume na altura e pelos anos fora, embarcou para o Brasil e lá tentou a vida. Empregou-se no comércio como marçano; no entanto possuía veia de artista e era portador de mais altos voos para a sua existência. Fez-se então actor e nessa qualidade regressou a Portugal, chegando a representar nos teatros da capital, nomeadamente na Príncipe real (R. dos Condes) e no D. Maria.

No entanto, quer no Brasil quer em Portugal o seu pendor histriónico não atingiu as culminâncias do êxito e o moço actor voltou de novo ao Brasil decidido a mudar de agulhas. Fixou-se na Baía e aí fundou o Diário de Notícias que lhe proporcionou pingues lucros e lhe possibilitou uma vida tranquila e desafogada.

De certo modo continuou ligado à arte de Talma e nessa qualidade imitou e tradu-

ziu diferentes peças que tiveram êxito assinalado: *Conquistei o México*, *Cristóvão Colombo*, *Filha Única*, *Ideias de Madame Aubray*, etc.

É mais um homem de letras que «O Novo Fanguero» evoca na costumada secção: O Perfil do Mês. Não lemos qualquer destas obras nem pudemos consultar, por motivos óbvios, qualquer exemplar do *Diário de Notícias* da Baía. Nem sabemos se este jornal ainda se publica naquela cidade brasileira. Por isso não podemos emitir qualquer juízo do valor sobre o seu perfil literário. No entanto o nome deste conterrâneo figura no volume 6.º da Enciclopédia Portuguesa Ilustrada o que é significativo.

Quando às vezes, numa maré alta de entusiasmo, se pensa dedicar uma rua a A ou B, os responsáveis locais deviam ter sempre em conta estes varões ilustres que no seu tempo adquiriram certo realce mas que o rolar dos anos lançou para o vale dos esquecidos. Aleatoriamente descobertos é injusto que a terra-mãe não lhes preste as homenagens a que tem merecimento.

O problema das dunas de Esposende na Assembleia da República

(José Luís) Correia de Azevedo

Oportuna intervenção do deputado

Esposende é — em área geográfica — um pequeno concelho. Não lhe faltam todavia, razões ou dignidade para que esta Magna Assembleia dele se ocupe.

É o único litorâneo do Distrito de Braga. Possui uma pequena fracção da nossa, relativamente longa e variada, interface terra/mar.

No caso, com uma frágil estrutura dunar que está — e tem estado — sujeita a dois movimentos de longa duração, e que se agravam com o crescimento demográfico:

— um, de natureza antropológica e social, com a utilização e a ocupação articuladas das dunas para recreio, pesca,

guarda de alfaias, recolha e seca de algas;

— outro, de regressão da costa e de natureza geológica, que se radica na dinâmica das placas tectónicas, segundo alguns especialistas.

Mas, o clima de Verão, a suavidade das dunas e praias e outras naturais belezas — próprias e adjacentes — potenciam os factores, mais ou menos artificiais, de um terceiro movimento. Este mais conjuntural.

Manifesta-se por uma tal disfarçada cobiça sobre aqueles espaços. Luta pela implantação de equipamentos turísticos e

(Continua na página 2)

EDITORIAL

(Continuado da página 1)

da dependência com os seus trágicos efeitos: o indivíduo logo após um certo tempo de ser ter drogado, tem necessidade de absorver nova dose sob pena de ser afectado por convulsões e um estado de desespero que são mesmo insuportáveis. E este estado de dependência agudiza-se, havendo necessidade de recorrer a drogas cada vez mais fortes com espaços cada vez mais curtos até à degradação total da pessoa, outrora um jovem forte e alegre e agora um farrapo de quem a humanidade se compadece mas a quem retira o estatuto da credibilidade social. Para adquirir droga o viciado chega a roubar e as raparigas facilmente se prostituem.

Conhecemos um moço de Lisboa que foi para Londres tirar o curso de Engenharia. Era já um habituê mas na cidade do Tamisa o seu vício refinou-se por ter entrado nas doses mais caras. A certa altura sua mãe teve que se deslocar a Inglaterra para pagar dívidas que o filho tinha contraído e já ultrapassavam os 400 contos. Outros exemplos poderíamos aqui evocar mas infelizmente o rol é quase inesgotável. Voltando ao jovem lisboeta cujo caso acompanhamos de perto — hoje encontra-se curado — disse-nos sua mãe que perante o sofrimento visível do filho chegou a dar-lhe quinhentos escudos diários para ele próprio comprar «erva», tal o estado de dependência a que tinha chegado.

Bem, mas fixemo-nos em Fão e daqui façamos uma pergunta: Que fazer? Que fazer para erradicar este maldito vício da nossa juventude? Não tenhamos muitas ilusões. Existem poderosas forças interessadas no comércio da droga. Ela dá dinheiro, muito dinheiro, aos produtores, alimenta os intermediários e proporciona algum lucro aos eventuais passadores. Há países que conseguiram sair de um certo estado de miséria à custa dos estupefacientes que cultivam e vendem a granel. É um negócio de milhões.

Daí uma certa ineficácia que certos governos acusam no combate que vem travado ao longo dos tempos contra este terrível mal. É certo que as polícias efectuam prisões, as autoridades aduaneiras aprisionam quantidades cada vez maiores do sedutor pó e os tribunais aplicam penas cada vez mais pesadas. Tudo isso é importante, tudo isso é necessário, mas tudo se revela insuficiente. Há um axioma de raiz lapalisseana que importa ter em conta: a droga só deixará de ser vendida quando deixar de ser comprada e isto passa necessariamente pelo esclareci-

mento, preparação e mentalização dos possíveis utilizadores desse veneno lento.

Concluindo: é imperioso que os familiares esclareçam os filhos sobre os perigos que representam as drogas, quer sejam leves quer sejam pesadas. Isto obriga a que toda a comunidade se empenhe numa luta colectiva, pois os pais para poderem informar os filhos têm que estar devidamente esclarecidos e isso não acontece na realidade. Devia-se criar uma Associação de Pais liderada pela própria Junta de Freguesia com este fim específico.

Existe actualmente uma associação de recuperação de drogados, sediada em Paris, mas com ramificações em vários países, inclusive em Portugal. Chama-se Le Patriarche. Os responsáveis e funcionários são todos ex-drogados. As reuniões que promovem ou para que são convocados costumam ser muito animadas. O moço a que acima fizemos referência foi tratado e recuperado por esta Associação. Era importante trazer a Fão e quem diz Fão diz outras freguesias do concelho alguns destes elementos para falarem com os nossos jovens a fim de lhes contarem as suas experiências, as suas lutas, os seus desânimos e sobretudo para lhes transmitirem a alegria conseguida com uma vitória sobre o vício que os trazia prisioneiros.

Quem fala na Associação Le Patriarche, fala de outra associação congénere.

O que é preciso é fazer qualquer coisa.

O problema das dunas de Esposende na Assembleia da República

(Continuado da página 1)

de habitação, para uma ocupação, comumente sazonal: tem a mira no lucro e nas altas rendas a curto prazo.

A cobiça parece ter aguçado a argúcia e reduzido os escrúpulos aos seus principais protagonistas.

Apropriar-se, privatizar, construir e especular é caminho inevitável para os seus principais objectivos. Gerar complacências institucionais, implementar mecanismos corruptores, traficar influências é uma forma de garantir uma certa impunidade.

Alegam-se, para justificar, «direitos históricos». pretende-se sobrepô-los ao interesse nacional e aos direitos das po-

pulações que, desde há séculos, dão uso colectivo e permanente a esses espaços.

Denúncias sobre idênticos problemas têm ecoado nesta Câmara. Na sua origem encontram-se formas de oposição mais ou menos pacíficas, veiculadas pelos órgãos de informação.

Têm alguns vectores em comum. No caso vertente ver-se-ia submergir a necessidade imperiosa de garantir a preservação e o equilíbrio daquele frágil ecossistema. esquecer-se-ia a manutenção necessária da veiga fértil que se contém entre as dunas e o sopé dos montes entrecortada por escassos caminhos, algumas estradas e povoações. Preverter-se-ia o objectivo nacional de não aumentar a nossa dependência alimentar, como exterior.

Atentar-se-ia contra os preceitos constitucionais da defesa do meio ambiente e da qualidade de vida.

O repto de sempre é procurar a linha divisória entre a satisfação de interesses, mais ou menos imediatos, de alguns, poucos, e o interesse nacional, constitucionalmente perspectivado, para um futuro colectivo mais justo.

Ô que há de significativo, até agora, em relação a este caso, é o comportamento concordante dos diversos poderes públicos, com uma inequívoca maioria populacional. Parece um exemplar contraponto àquilo a que nos temos vindo a habituar.

Releva-se pela capacidade com que a Assembleia Municipal de Esposende no último dia 30 de Setembro, interpretou um desejo da população. Como assumiu a defesa de valores naturais inestimáveis. Como propôs a «Criação da Reserva Natural — Litoral entre os rios Neiva e Cávado».

Pela prossecução para sul, dessa área, até ao limite do Concelho de Esposende com o da Póvoa de Varzim.

Sublinha-se adinâmica e o apoio da actual Presidente da Câmara e do Executivo camarário.

Faz-se eco dos despachos favoráveis do Senhor Secretário de Estado do Ambiente e dos Recursos Naturais — «dado o valor da reserva em causa, a qual se insere na prioridade nacional de protecção e valorização do litoral» — (acabei de citar).

Espera-se que a implementação dos mecanismos necessários à preparação e aprovação dos diplomas legais, enquadrados pelo Decreto-Lei n.º 613/76, de 27 de Julho, encontre o mesmo eco no seio do Governo.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES
estamos a construir um banco do futuro

Concurso de desenho livre

«O Emigrante visto pelas crianças»

O presente concurso é dirigido às crianças que frequentam a 1.ª e a 2.ª fase do ensino primário e sejam residentes no distrito de Braga.

As candidaturas ficaram submetidas à apresentação de trabalhos sobre a emigração, devendo os mesmos apresentar as dimensões de 30x40.

SEGUE-SE O REGULAMENTO A QUE OBEDECE:

1. — A Secretaria de Estado das Comunidades portuguesas institui prémios para desenhos da autoria de crianças que frequentem a 1.ª e 2.ª fases do ensino primário e sejam residentes no distrito de Braga.

2. — O tema dos trabalhos a apresentar é a Emigração.

3. — Podem candidatar-se todas as crianças referidas no n.º 1 deste regulamento.

4. — Os prémios são os seguintes:

I Prémio — 1 estojo de desenho, 1 jogo de pincéis e tintas, 1 conjunto de gravuras ou fotografuras sobre motivos portugueses.

II Prémio: — 1 estojo de desenho e uma caixa de lápis de côr.

III ao X Prémio: — 1 jogo recreativo.

5.—Cada candidato apenas pode apresentar um desenho original.

6.—Os candidatos devem enviar os trabalhos acompanhados de subscrito fechado contendo os seus elementos de identificação ao *Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas — Delegação de Braga — Rua 25 de Abril n.º 457-2.º esq.º*

AGRADECIMENTOS

Rosália Torres Saraiva vem por este meio agradecer todas as provas de amizade e carinho que lhe foram patenteadas por ocasião da intervenção cirúrgica a que foi submetida em Barcelos.

★

A família de Manuel Sacramento agradece reconhecida a todas as pessoas que tomaram parte nas homenagens que um grupo de amigos entendeu prestar-lhe no dia 8 de Dezembro.

NOVA SECÇÃO

Acolhada aos Bombeiros, foi criada uma Secção Cultural e de Tempos Livres. Se cumprir aquilo que a sua designação sugere, acabamos muito oportuna e necessária a sua criação.

Para já conhecemos dois nomes, o eng. Adelino Valle e dr. Manuel Mota, que são garantes de um bom desempenho.

Têm muito que fazer e a defender.

— 4700 braga, até 16/12/86 (impreterivelmente).

7.—Os desenhos não são assinados mas terão no verso uma marca individualizada, que será também aposta no exterior do subscrito que contém a identificação e a residência do autor.

15.—A SECPs reserva-se o direito de expôr publicamente todos os desenhos apresentados.

16. — Os prémios são entregues em sessão pública em data e local adesignar.

17. — Os desenhos não premiados podem ser levantados pelos seus autores ou por quem os represente no prazo de três meses contados da data de atribuição dos prémios.

17.1 — —Os trabalhos não levantados ficam propriedade da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

ASSEMBLEIA DO HOSPITAL

Como determinam os Estatutos, realizou-se no domingo, dia 30 de Novembro, a Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Fão, com o fim de serem votados o Plano e o Orçamento para o ano de 1987. Presidiu Carlos da Palma Rios e estiveram presentes a Mesa Administrativa e alguns (poucos) Irmãos.

Dos números apresentados sobressaiu a cifra de esc. 81.127.241\$60 que a Mesa pensa gastar no ano que vem com o Hospital e o Lar. O Jardim Infantil tem uma contabilidade à parte. O ano passado a despesa foi de esc. 47.000.000\$00 e em 1983 atingiu-se a verba de esc. 16.170.000\$00. Sem dúvida que o movimento da Santa Casa está em franco progresso. O apetrechamento cirúrgico tem acusado um esforço notável. Nos últimos três meses foi adquirido material para a Maternidade que ultrapassou os 12.000 contos. Fomos informados que este sector tem uma ocupação de 95% ano e a enfermaria dispõe de mais de 20 camas.

Foi perguntado há Mesa se o Hospital de Fão iria exercer as vezes de Hospital concelhio. Informou o Presidente da Mesa que isso não estava no plano da Direcção. Nunca o Hospital de Fão deixará o estatuto de Hospital particular. Agora a Santa Casa pretende estabelecer com o Ministério da Saúde o maior número possível de acordos para responder a todas as exigências da freguesia e até do concelho. Isso estava nos objectivos da Santa Casa e as perspectivas não eram desanimantes, uma vez que a Ministra da Saúde tem em grande conceito toda a actividade desenvolvida pelo hospital de Fão.

Procedeu-se ainda à correcção de alguns artigos dos Estatutos por sugestão da Mesa, o que foi conseguido por unanimidade dos presentes.

★

Iniciaram-se já as obras de ampliação do Lar da Terceira Idade. O prazo para o terminus das obras é de 400 dias e o seu custo atinge 21.000 contos.

Está previsto o aumento de mais 27 camas.

NOVA MÉDICA

Terminou o seu curso de Medicina a dr.ª Maria José Teixeira Didier, filha do nosso amigo Sebastião Didier.

Felicitemos a nova doutora, esperando que a sua formatura seja um lenitivo para o transe duro que a sua família tem suportado ultimamente.



o melhor café
é o da
A BRASILEIRA
PORTO



O descanso desejado...
HOTEL DO PINHAL ★★ ★
OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.

O Mundo em que vivemos

O VIDRO DA NOSSA ESPERANÇA

Eles aí estão pintados a verde branco, implantados no nosso meio habitacional, numa silenciosa espera.

Uns dizem que são inestéticos, outros chamam-lhe «mamarrachos» e outros ainda coisas muito piores...

Já perceberam que estamos a falar dos vidrões. Concordamos que não têm um aspecto atraente, agradável à vista, mas nós gostamos deles.

É verdade. Gostamos mesmo muito dos vidrões. Eles têm uma função humanitária: os vidros lançados para o vidro são reciclados e do lucro daí resultante as autarquias recebem uma quantia, que é aplicada em obras assistenciais. Em 1985, a importância originária do aproveitamento dos vidros que todos nós deitamos nos vidrões, foi de mil contos, que foram distribuídos por obras de assistência a crianças deficientes.

No ano corrente, provenientes também do conteúdo do vidro, desasseis mil contos foram repartidos por obras de assistência a

crianças carecidas e por Lares para a Terceira idade.

E tudo isto que nos custou? Nada. Um simples gesto, o de lançar nos vidrões frascos ou garrafas inúteis, que de outro modo iriam parar ao saco do lixo e assim foram cumprir uma missão de bem-fazer.

É por essa alegria interior de sentirmos que, com um pouco de boa vontade, podemos ser úteis a quem precisa, que nós gostamos dos vidrões. Eles dão-nos a oportunidade de assumir uma atitude de solidariedade, de calor humano.

Por isso o vidro que cai no vidro é um vidro de esperança: da esperança de ajudar uma criança deficiente, ou um idoso carenciado de cuidados.

Fiquemos, pois, com esta certeza: o vidro vai permitir-nos prestar auxílio a um pequeno ser marcado por trágica inferioridade, ou vai contribuir para suavizar os últimos anos do declinar de uma vida.

E. Real

SEMINÁRIO SOBRE DEGRADAÇÃO DO LITORAL

Esteve presente o
ENG. CARLOS PIMENTA

«Mil palavras não traduzem uma só imagem das que aqui estamos a ver», disse o já famoso Secretário de Estado do Ambiente, Carlos Pimenta, ao visitar as zonas de Cedovém, em Apúlia, a zona envolvente do Hotel do Pinhal e o estuário do Cávado a seguir ao denominado Bairro dos Minhocas.

Aquele membro do Governo veio abrir o Seminário Internacional sobre a conservação do litoral que decorreu no Hotel Ofir nos dias 8 e 9 de Dezembro.

O seminário em questão organizado pelo GEOTA (Grupo de Estudos do Ordenamento do Território e Ambiente) teve a colaboração de três câmaras do litoral e de alguns técnicos do meio ambiente.

A Presidente da Câmara de Esposende, Prof.ª Laurentina Torres, foi a coordenadora do III Painel que decorreu na tarde de sábado, dia 6.

Das várias intervenções e de outras profissões de fé exaradas, chegamos à conclusão que quer o governo quer as autarquias vão finalmente acabar com tantos abusos relacionados com a degradação do litoral.

É preciso, afirmou o Eng. Macário a certa altura, restituir o litoral aos seus verdadeiros utentes.

O pivot de toda esta movimentação é o destemido Secretário do Ambiente de quem a Presidente da Câmara afirmou, já ele se tinha ausentado: «Que Deus o mantenha naquele lugar por muito tempo».

Encerrou os trabalhos o Eng. Braga da Cruz, Presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte que proferiu também palavras de esperança para os novos tempos que vão chegar.

AUMENTE O SEU

Colesterol!

Vamos lá ajudar o colesterol a subir mais um bocadinho? Então aqui vai a receita dos

CROQUETES DE BATATA

Batatas — cercade meio quilo.
Ovos — 1.
Farinha de trigo — 1 colher de sopa mal cheia.
Margarina — q.b.
Cozem-se as batatas e passam-se pelo «passe-vite». Junta-se a margarina, o ovo e a farinha.
Liga-se bem e formam-se uns croquetes, com um buraco no meio, que se recheia com um picado previamente feito.
Passam-se por ovo e pão ralado e fritam-se.

★

E agora um bolinho, para adoçar a boca...

BOLO DE CHOCOLATE

Ovos — 2.
Açúcar — 250 gramas.
Farinha de trigo — 300 gramas.
Manteiga — 100 gramas.
Chocolate — 100 gramas.
Leite — 1 chávena e chá.

Desfaz-se o chocolate no leite quente, e deixa-se arrefecer. Mistura-se o açúcar com a manteiga, até obter uma massa consistente. Junta-se as gemas, a farinha, e o chocolate já derretido no leite. Por fim, as claras batidas em castelo.

Vai a cozer em forno médio, em fôrma untada com manteiga e polvilhada com farinha.

E temos a certeza de que, com este bolinho, o colesterol vai dar um salto bem apreciável!...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRAULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MAQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

Consulte-nos

REIMELI, Lda.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 891018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMILIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

UMA CHÁVENA DE CAFÉ

por **MARIA ARLETTE S. F.**

Há dias, para descansar um pouco do percurso que ainda tinha que fazer a pé, até casa, parei num café todo remodelado, junto ao cinema da cidade.

A televisão estava ligada. Era por volta do meio-dia. Falava, suponho eu, um médico, um homem jovem de barbas, com um certo ar de respeitabilidade.

Havia cinzeiros pelas mesas. O empregado trouxe-me o café e eu, maquinalmente, abri a carteira, puxei dos cigarros e do isqueiro. Porém, fiquei imobilizada — aquela personagem do pequeno écran, interditava-me. Pior que um sinal de stop, pior que um polícia de «casse-tête» em punho, em tempo de manifestações acaloradas. Não era o aspecto, nem tão pouco a voz, era a estatística maquiavélica que ele ditava como um eco terrífico. Chamava-me assassina, um mal para a comunidade. Eu era uma fumadora, por conseguinte, uma criminosa. Confesso que fiquei abalada. No meu consciente de pessoa bem educada, eu não matara ninguém. E se matasse, era a minha própria pessoa, que eu queira ou não, há-de morrer. Ou dão-me excepcionalmente a hipótese da Imortalidade!?

E, durante uns minutos, eu não conseguí pegar no cigarro, embora o café fosse espaçoso e houvesse apenas três clientes.

Lembrei-me dos meus tempos de menina em que meu pai, culpabilizando-me de tudo, sem me dar hipóteses de defesa, não conseguia nada de mim. Reprimindo, quem consegue?

Estava eu nestas deambulações, quando entra uma rapariga que inesperada e grosseiramente se senta na minha mesa, sem passar «cavaco». Irritada como estava, preparei-me para secamente a expulsar da mesa pela sua inconveniência, mas calei-me e observei-a. Era gorda, melhor, atarracada, os olhos muito pequeninos e muito juntos ao nariz davam-lhe um ar embrutecido. Veio o empregado e ela pediu, quase sem olhar, um galão e dois bolos. «Que bolos?» — perguntou ele. Ela encolheu os ombros e disse a meia-voz: «tanto faz».

Quando o empregado lhe trouxe uma Bola de Berlim e um bolo de arroz, ambos com aspecto de dias e o galão, ela disse-me: «leia-me esta carta qu'eu nã sei». Li-lhe a carta do «seu Nando», emigrante, e pus-me a fumar.

Tristemente sorri. Publicamente o pequeno écran informou-me e informou os outros do meu «crime». Marginalizou-me, culpabilizou-me. E os crimes deles? Não tinha à minha frente, a prova evidente dum crime social? Porque se sentou ela, na minha mesa? Para lhe ler a carta? Porque o café para ela ainda é um lugar de homens?

Porque não olhou de frente o empregado? Porque não escolheu os bolos? Porque comia e bebia rendendo-se ao «mau serviço do café», como um pobre bicho esfomeado?

A estupidificação das pessoas: sem vontades próprias, sem gostos próprios que acetam ser discriminadas — gente embrutecida em finais do Século XX. Quem fala desta desigualdade social? Quem fala deste crime? Quem se culpabiliza?

P.S. — Quando chamamos estúpido a alguém é um juízo de valor subjectivo, mas numa sociedade deficiente, carente e poluída a muitos níveis como é a nossa, chamar criminoso é também um juízo de valor relativo. tenhamos todos mais cuidado.

MARIA ARLETTE S. F.

ABERRANTISMO

Dentre as muitas curiosidades e grande número de particularidades que os estrangeiros turistas daqui levaram, uma delas pode constituir-se como sendo altamente hilariante (para não pensarmos em coisas tristes).

A foto documenta perfeitamente aquele que é o Ex-Libris da falta de gosto (de quem?) superiormente autorizou (in illo tempore). Que contra-senso! Uma barraca clandestina, tosca, ao lado de um hotel de 3 estre-



las que é um brinco de apresentação. Que perguntas terão feito (a si próprios) os turistas, ante tamanha insensatez?... E lembramo-nos nós que o camartelo já ia vibrar golpe mortal quando o general Eanes — então Presidente da República — embargou a destruição. Com base em Quê?

A Câmara vai ter que actuar. Acreditamos que o Dr. Mário Soares não vai permitir que o veraneio clandestino por ali continue.

Allás, se por acaso é gente com dificuldades económicas (que desconhecemos) há sempre que encontrar solução. Assim é que não!

Câmara Municipal de Esposende

AVISO

LAURENTINA VELOSO FERNANDES TORRES LOSA FARIA, Professora do Ensino Básico e Presidente da Câmara de Esposende:

Torna público, de harmonia com a deliberação da Câmara Municipal, tomada em sua reunião ordinária, realizada em 31 de Outubro último, que se encontra à disposição de todos os munícipes em geral, e dos habitantes de Esposende em especial, durante todo o mês de Dezembro, o «ESTUDO PAISAGÍSTICO DA MARGEM DIREITA DO RIO CÁVADO», elaborado por P.E.V. — Projectos e Espaços Verdes, Limitada, para efeitos de apreciação e apresentação de sugestões ou comentários que julguem ser criteriosamente adaptados ao mesmo:

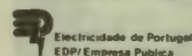
O referido estudo pode ser consultado na Secretaria da Câmara Municipal, de segunda a sexta-feira, naquele período e durante o horário normal de funcionamento dos respectivos Serviços, devendo as opiniões ser registadas em livro próprio.

Para constar e devidos efeitos se publica este aviso e outros de igual teor que vão ser, igualmente, afixados nos lugares públicos do costume.

Esposende, 20 de Novembro de 1986.

A Presidente da Câmara,

Laurentina Veloso Fernandes Torres Losa Faria



Electricidade de Portugal
EDP/ Empresa Pública

DIRECÇÃO OPERACIONAL DISTRIBUIÇÃO NORTE

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO BRAGA

AVISO AOS CONSUMIDORES

SIMPLIFICAÇÃO DO SISTEMA DE FACTURAÇÃO E COBRANÇA

A Electricidade de Portugal, EDP/E.P. vai pôr em prática, no início de 1987, na área do Centro de Distribuição Braga (concelhos de AMARES, BARCELOS, BRAGA, ESPOSENDE, PÓVOA DE LANHOSO, PÓVOA DE VARZIM, TERRAS DE BOURO, VIEIRA DO MINHO, VILA DO CONDE E VILA VERDE), um sistema simplificado de facturação e cobrança dos consumos de energia eléctrica em Baixa Tensão.

O novo sistema permitirá a cada consumidor conhecer com antecedência quanto vai ter de pagar, o que eliminará as situações desagradáveis provocadas por facturas de valor inesperado.

Oportunamente, a EDP enviará a cada consumidor uma explicação pormenorizada sobre este novo sistema.

PENSAMOS NA COMODIDADE DO SENHOR CONSUMIDOR AO INDICAR-LHE COM ANTECEDÊNCIA A SUA CONTA DE ELECTRICIDADE.

CONTAMOS COM A SUA COLABORAÇÃO.

MORAL SEM RELIGIÃO

Abre mais portas a educação do que a instrução. Em sociedade pode-se viver sem instrução. Vem isto a propósito da liberdade na matrícula nas aulas de Moral e Religião no nosso ensino oficial. Foi sempre, para muita gente, motivo de profunda reflexão e sérias interrogações a lei que permite aos alunos poderem dispensar-se ou aos seus encarregados de educação poderem dispensá-los de frequentar as aulas de Moral e Religião. Como se, quem vive em sociedade, pudesse dispensar-se ou ser dispensado da aprendizagem e do cultivo das normas elementares da educação. Uma atitude assim, só tem aceitação em sociedades sub-desenvolvidas e pouco civilizadas. Nas nações mais evoluídas não é concebível o facto de as crianças e os jovens, não frequentarem as aulas de Moral e Religião. Isto seria como dispensar os futuros cidadãos de serem pessoas honestas, dignas, educadas. É mais fácil dispensá-los das aulas de Química, Geografia ou qualquer língua estrangeira do que de Moral e Religião. No

por DINIS DE VILARELHO

entanto, neste nosso País, dispensam-se os alunos das aulas de Moral com a maior das facilidades e pelos motivos mais fúteis. E o pior é que se considera esta atitude como um sinal de progresso, democracia e civilização! E aí temos os resultados: nunca como agora, foi tão alarmante e caótica a falta de disciplina, de respeito e de educação nos estabelecimentos de ensino, nas ruas, nos transportes públicos e nas famílias por parte das crianças e dos jovens. A este respeito já disse alguém: depois da construção das escolas é necessária e urgente a construção de cadeias. A maior riqueza duma nação são os seus filhos e a maior riqueza desses mesmos filhos é a educação. Um Povo pode viver e sobreviver sem Matemática, Francês ou Geografia, mas sucumbirá se lhe falta a Moral, a educação. Que confiança poderá inspirar um bom médico, um bom advogado, um bom professor se, por outro lado, não tem princípios morais?... É preferível a educação à instrução; mas a instrução que é orientada para a educação é uma riqueza incalculável.

Junto dum liceu observei o seguinte: À saída das aulas muitos alunos portavam-se de tal maneira, que algumas pessoas adultas, comentavam: «Não sabemos para que é que eles andam a estudar...» A finalidade de toda a instrução deve ser a educação. Não é por acaso que a pessoa governamental responsável pelo Ensino, tem o nome de Ministro da Educação e não de Português, História ou Física.

Quando há tempos ensinava Moral e Religião numa Escola Industrial e Comercial, uma colega minha professora de Ciências, numa reunião escolar, comentou que num estabelecimento de ensino em Guimarães, havia um certo professor de Moral que não ministrava convenientemente as suas aulas e que, portanto, seria melhor suprimir a aula de Moral. Respondi-lhe: — Minha senhora, quando um professor dá mal a aula de Português, de Matemática, etc. não se suprime o Português ou a Matemática, mas muda-se o professor. Do mesmo modo, quando um professor de Moral não está

à altura das suas responsabilidades, não se suprime a aula de Moral, mas muda-se o professor.

Consta que em muitos estabelecimentos de ensino há alguns docentes das aulas de Moral que não estão à altura das mesmas. Infelizmente, esta anomalia é extensiva a outras disciplinas. Mas estou convencido que, no que se refere às aulas de Moral, isto explica-se, em grande parte, pelo facto delas serem facultativas, o que leva muita gente a pensar que para tais aulas, qualquer pessoa serve. Nada mais errado. Se alguma disciplina requiere professores competentes e preparados é a Moral, pois a arte de educar é a arte mais difícil. Se a aula de Moral fosse, como devia ser obrigatória para todos os alunos haveria, naturalmente, uma maior selecção na escolha dos responsáveis da mesma. Mas enquanto as coisas funcionarem como funcionam, será inútil esperar resultados satisfatórios. É certo que a educação e formação moral não deve só ministrarse nas aulas de Moral. Mas sem elas, os alunos desperdiçam uma óptima oportunidade de enriquecimento moral.

Mas poderão perguntar muitos: Estamos de acordo que se dê Moral, mas não Religião, pois devem respeitar-se as ideias e a liberdade de cada pessoa. A este respeito, um professor, que também defendia a Moral sem Religião, conta o seguinte: «Em plena aula, surpreendi um aluno a praticar uma má acção. Encarei-o e disse-lhe severamente:

— Meu rapaz, isso não se faz.

Ele perguntou-me num tom arrogante:

— Não se faz, porquê? Quem é que o proíbe?

Fiquei deveras atrapalhado, mas era preciso dar uma resposta. Engrossi então a voz e disse-lhe:

— Proíbo-o eu.

E enquanto me voltava para a secretária, o rapaz virava-se para o colega do lado e dizia-lhe em surdi-na:

— Que me interessa a mim que ele o proíba; há-de ganhar muito com isso!

Foi então que compreendi que devemos fundamentar toda a nossa Moral, toda a nossa autoridade na autoridade de Deus».

Os discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes: «Foi-me dado todo o poder no céu e na terra; ide, pois, ensinai todas as gentes, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado.»

Evangelho de São Mateus

Os filhos e alunos querem que a autoridade dos pais e professores se fundamentem em Alguém superior aos pais e professores: em DEUS. Caso contrário, não há motivo sólido e válido para obedecer.

Quando se deixa ao critério dos filhos poderem dispensar-se da Moral e os próprios pais se desinteressam desse assunto ou propositadamente vão eles mesmos pedir a dispensa, muito mal andam as coisas. Porque os jovens ainda não têm o discernimento suficiente para julgar as coisas e, se lhes fosse permitido, mais gostosamente pediam a dispensa de Matemática, Inglês ou Física do que de Moral. Todos nós, mas muito mais as crianças, buscamos a lei do menor esforço e se lhes derem facilidades, aproveitam-nas. Mas quando são os próprios pais a pedir a dispensa das aulas de Moral, es-

tão a pedir a dispensa de seus filhos serem respeitadores e educados. E depois queixam-se de que os filhos não os respeitam nem têm educação. Que pena, vemos tantos pais preocupados em que os filhos passem de ano e, por outro lado, totalmente desinteressados em saberem se os filhos têm bom comportamento dentro e fora de casa! O valor duma criança, a dignidade dum filho, não se pode reduzir a uns números, a umas tantas notas. Um filho é uma pessoa humana e, como tal, tem valores morais e religiosos inalienáveis aos quais ele não pode renunciar nem ninguém pode destruir ou impedir o seu progressivo desenvolvimento.

«O mundo de hoje tem necessidade de educadores sensíveis e preparados, que ensinem a vencer a tristeza e o sentimento de solidão e de incomunicabilidade que aflige tantos jovens e, às vezes, os abate. Ensinai, vós, pais e educadores, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável.»

João Paulo II

OBRAS

Já foi aberto concurso para as obras dos terrenos envolventes do Salão. Estão previstas duas salas no mesmo plano do Salão da Catequese e outras duas na zona dos baixos, uma das quais será o posto médico.

★

Também tem estado em exposição o projecto do novo mercado que se vai situar nas Rodas.

RECTIFICAÇÕES

Em relação ao perfil do mês passado, foi-nos presente uma fotocópia do registo de óbito do Conservatório do Registo Civil de Monção onde se prova que Abel Maria Vinha dos Santos faleceu no dia 2 de Junho de 1940 e não em 28/7/940 como foi publicado.

★

Também recebemos uma declaração da Delegada Escolar de Espasende onde se afirma que Maria de Lourdes romos Ferreira passou Distinta no exame de 4.ª classe e não aprovada como vinha mencionado num Epospendense da época (1937) de onde recolhemos o apontamento.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

— RECEITUÁRIO MÉDICO
— LENTES DE CONTACTO
— APARELHOS DE PRECISÃO

ARMAÇÕES
OCÚLOS SOL

création
AZAL

RUA DA MISERICÓRDIA, 6-12 - 4700 BRAGA * Tel. 75777

NOTÍCIAS SOLTAS

CAÇA AO MOCHÃO

«Ou há moralidade ou comem todos»... é normalmente assim que o nosso povo demonstra o seu descontentamento por atitudes a que assiste e que marcam ambiguidades com que não concordam.

Está em voga a «caça» e não pesca ou apanha do Mochão, loura ou enguia branca, porque proporciona chorudos rendimentos a quem os caça e muito escandalosos proventos a quem (espanhóis) os comercializa. Daí o desejo de cada vez mais aumentar a quantidade de captura. E surgem os inevitáveis problemas. É que a nossa legislação não permite o uso senão da Rapeta (que normalmente apanha pouco) ao contrário da espanhola que é mais liberal admitindo o uso de rede com tela (o que apanha muito mais).

Conclusão: os interessados apanhadores da ocasião do Rio Minho fazem ouvidos moucos à legislação portuguesa e optam pela da vizinha Espanha e os nossos do Rio Cávado... protestam. Ou apanham todos com a Rapeta ou todos com a Tela.

Em que ficamos?

Bom, Minho e Cávado em Portugal são portugueses e apanhadores do invejável pitéu também o são, logo, a legislação a seguir terá que ser à nossa e portanto, há que exercer a

necessária autoridade sobre os «apanhadores de Mochão do Minho português». Ou há moralidade ou comem todos...

OUTRAS NOTÍCIAS

— Foi decidido atribuir um subsídio de 50 contos ao ROTARY CLUB DE ESPOSENDE como apoio ao Seminário Subordinado ao tema «A Agricultura do Concelho de Esposende face à CEE».

— Destinado ao pagamento do aluguer das instalações, a Câmara atribuiu um subsídio de 100 contos ao Núcleo de Esposende da Cruz Vermelha Portuguesa.

— Para a Secção de Canoagem do Clube Fãoense, a Câmara decidiu atribuir um subsídio de 40 contos bem como ordenar o pagamento imediato do subsídio de 120 contos relativo ao ano anterior.

— A Câmara passa a ser sócio fundador da Confraria de Gastrónomos do Minho acedendo ao convite da Região de Turismo do Alto Minho (Costa Verde).

P'ó Gabinete de Informação

CUNHA PINTO

SEMINÁRIO DE AGRICULTURA

(Continuado da página 8)

O dia 9, domingo, teve como prato forte a intervenção do dr. José Miguel da Direcção Regional da Agricultura que abordou um tema que todos desejavam ouvir: «Apoios comunitários junto da C.E.E. para a Agricultura». Falou dos subsídios a fundo perdido, das indemnizações e de outros auxílios que a C.E.E. vai prestar a Portugal nestes primeiros anos. Naturalmente que foi muito questionado a final.

O seminário encerrou com uma prova de vinhos e um almoço volante que decorreram ao ar livre.

Tratou-se sem dúvida de um prestimoso serviço à comunidade levado a cabo pelo Rotary Clu de Esposende.

Pela maneira como souberam responder à chamada, pelo modo como souberam estar presentes, pelas perguntas que fizeram, pelos apontamentos que tomaram os Lavradores de Esposende deram um sinal de que estão preparados para o esforço e capacidade que se lhes vai exigir nos anos próximos.

Vinhos do concelho distinguidos em Londres

Casualmente chegou-nos às mãos a revista londrina DECANter TASTE REPORT: Há

pouco tempo esta conceituada revista de pendor económico promoveu um concurso sobre os vinhos da Região de Vinhos Verdes de Portugal. Algumas casas produtoras enviaram amostras e os resultados dessa prova destacam dois vinhos de cepa esposendense:

1984 vintages wines

QUINTA DE S. CLÁUDIO 1984

Non-vintage wines

MONTEFARO NV, QUINTA DA SEARA:

very pale coloeu. Has legs. Delicate, perfumed nos. Light, delicate, frinty wine. Nice natural tast.

Estes vinhos distinguidos são pertence respectivamente dos nossos amigos António da Costa Leme e Dr. Manuel Queirós de Faria a quem endereçamos calorosos parabéns.

FALECIMENTO

Com a propecta idade de 99 anos faleceu Ana Alves Simões que era a a pessoa mais idosa de Fão. Morreu mais uma memória das coisas antigas da nossa terra.

Lembramos que para a organização do ficheiro das alcunhas esta senhora deu um contributo notável.

Os nossos pêsames à Família e um abraço especial ao Albertinho.

PAGARAM ASSINATURA

Fernando Marques Boaventura Rego, Gaia, 500\$00; Júlio Albino Alves Pimenta, Lisboa, 1350\$00; Manuel Lemos, Brasil, 1000\$00; Ana Soares Nogueira, Póvoa de Varzim, 500\$00; Albino Martins Dias de Faria, Lisboa, 500\$00; João Eduardo Pinto da Costa, Porto, 500\$00; Rogério Silva, Porto, 2000\$00; Manuel Pires do Monte, Fão, 500\$00; Sérgio Alves Branco, Fão, 500\$00; António Augusto Gabriel, Fão, 1350\$00; Marcos Reis, França, 1000\$00.

DESPORTO

PELO FUTEBOL

Os últimos resultados do futebol fotam os seguintes:

Realense, 3 — Fão, 2.
Fão, 2 — Ruivanense, 1.
S. Cosme, 1 — Fão, 1.

Neste momento o C. F. de Fão situa-se a meio da tabela, portanto, sem perigo de subir nem de descer, o que para o campeonato da 1.ª Divisão de Braga é muito bom.

O novo treinador é José Manuel Carneiro, da Póvoa de Varzim que há meia dúzia de anos já deu boa conta do recado.

LongaVida



o que é bom da natureza

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Dinis de Vilarelho
Sérgio Mendanha

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saralva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRAFICA

Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

HOMENAGEM AO NÉ GLÓRIA

Como o nosso jornal já tinha anunciado, um grupo de amigos do saudoso Né Glória prestou-lhe no dia 8 deste mês uma homenagem condigna.

Às onze horas houve missa no Mosteiro do Bom Jesus abrilhantada pelo magnífico coral da Matriz sob a regência do Maestro Faria Borda.

Seguiu-se uma romagem ao cemitério com a colocação no jazigo de uma lápide que tinha a forma de uma viola, falando na altura Carlos Barra Reis.

De tarde realizou-se no deslocado campo da Junqueira um desafio de Velhas Guardas de Fão e procedeu-se ao descerramento de outra lápide com a designação «Campo Né Glória».

À noite, no Restaurante da Lareira, cantou-se o fado em homenagem ao Manuel Sacramento.

Foi contestada esta homenagem. No entanto, no decorrer da sessão da noite alguém pôs os pontos nos ii quanto a essa contestação. Com efeito o Né foi um jogador de longo fundo pois começou a jogar a bola quase ao nascer e continuou quase até morrer. Não se internacionalizou, isto é, não jogou em clubes de outras categorias, como outros conterrâneos, apenas porque não tinha ambições e depois teve uma maneira de estar no futebol especial. E que se recusou sempre a receber um centavo que fosse por jogar à bola. Daí ter surgido um halo de simpatia só por essa renúncia. Aconteceu ainda que o Né soube criar um grupo de bons amigos — parece que 27 — mas que lhe eram e foram dedicados e foi esse grupo de amigos quem teve a iniciativa de dedicar-lhe um campo. Ora ter amigos e bons é uma faceta muito positiva e portanto um adorno de personalidade. Quanto à ideia de um jantar. Não se tratou especificamente de um jantar mas sim de agregar um grupo de amigos do Né para evocar a sua memória, falar dele, continuar em comum as homenagens iniciadas durante o dia. Pois o local escolhido foi o *habitat* do Né aos sábados, foi um local onde o Né conheceu tantas noite de glória. Foi a Lareira, com a presença tutelar do Tio Bento, com os panejados de xailes e o adorno de guitarras pelas paredes. E houve fados logicamente. O fado e o trinado de guitarras encerram muita dignidade e muita melancolia e foram o remate digno da evocação do nome do Né Glória.

E foram essa mesma dignidade e melancolia que balizaram toda a sessão nocturna que decorreu no ambiente castiço da Lareira. Presidiu Luís Viana que tinha à sua direita o dr. Armando Saraiva (incumbido pela comissão organizadora de dizer algumas palavras) e o Armando Torres. À sua esquerda sentou-se o casal Abel da Costa.

E o jantar decorreu num ambiente grave e evocativo. Constantemente o nome do Né Glória foi lembrado. Primeiro falou o Presi-

dente da Junta que sentidamente se referiu às qualidades que distinguiam Manuel Sacramento. Depois o dr. Armando Saraiva racionalizou o sentido daquela homenagem destacando o exímio viola que foi o Né Glória, o dedicado jogador e sobretudo o homem que se mostrou sempre disponível para tudo o que fosse a bem de Fão.

Mais tarde surgiram os violas, guitarras e cantadores e um a um todos se distinguiram com palavras repassadas de muita emoção e saudade o Né Sacramento. O Mário também cantou, tocou e falou do Né, do seu cunhado a quem queria como a um irmão.

Cantou Helena Bento e muito bem. Falou também Abel da Costa de quem foram previamente lidas duas quadras que ele rabisou à mesa.

Estamos todos a ceiar
Na Lareira com toda a fé
E com amor a homenagear
O nosso grande Néné.

A homenagem que prestamos
Não será concerteza em vão,
Com muita fé a Deus rogamos
Que não seja esquecido em Fão.

Foi de facto uma festa lindamente triste. O Né esteve sempre presente. O seu filho agradeceu finalmente. Já perto do fim apareceu o Senhor Prior que não quis deixar de estar presente. Permaneceu até ao fim.

Estavam presentes 27 pessoas. Pensamos que estavam ali os indefectíveis amigos de Manuel Sacramento.

Seminário de Agricultura promovido pelo Rotary Club de Esposende

Promovido pelos rotários de Esposende, realizou-se no Hotel do Pinhal, nos dias 8 e 9 de Setembro, um seminário que teve por tema: «A agricultura do concelho face á C.E.E.».

Temia-se que este encontro fosse um fracasso pois que, dirigido à classe dos lavradores do concelho, eles talvez não comparecessem numa quantidade minimamente encorajante para os organizadores do certame, especialmente para o entusiasta Presidente Manuel Silva. Pois enganaram-se todos quantos não acreditavam na maioridade cívica dos jovens agricultores de Esposende. Vieram em número bastante satisfatório, alguns trouxeram os pais e outros as esposas. Chegamos a contar mais de 150 pessoas.

Abriu os trabalhos o Eng. Júlio Trigueiros que explanou de uma maneira sucinta mas muito inteligível os problemas globais resultantes da entrada de Portugal na C.E.E. A agricultura dos agora Doze é excedentária em alguns produtos. Portugal por seu turno tem que aumentar a sua produção para suportar a concorrência. Como proceder? Apresentou sugestões, explanou hipóteses, sobretudo consciencializou os presentes de que Portugal vai dar um passo decisivo para a sua recuperação económica mas que es-

se passo se apresenta cheio de escolhos.

Intervieram outros técnicos como o dr. Énio Santos (med. vet.), chefe da Z. A. do Baixo Cávado, Barcelos. Foi muito claro e incisivo. Se os lavradores não colaborarem, se não forem denunciados todos os casos de doenças aparecidas no gado bovino, nomeadamente nas vacas leiteiras, todo o concelho pode aparecer contaminado. A sua mensagem foi muito bem entendida. O eng. Jerónimo Louro falou da vinha e sumariamente disse aos circunstantes que entendiam muito menos de vinha do que aquilo que pensavam entender.

Espectacular a intervenção do eng. José Pereira dos Penedos, director da E.D.P. da Zona Centro. Dissertou sobre o Biogas na agricultura. E quando nós pensávamos que ninguém o ia interpellar sobre um tema tão pouco usual, um jovem agricultor de Rio Tinto levantou-se e quis saber coisas, mostrou ter já alguns conhecimentos e experiência do assunto, enfim deu verdadeira réplica ao conferencista.

Isto tudo ocorreu no sábado que culminou com o costumado jantar rotário que teve a animá-lo a presença de alguns participantes.

(Continua na página 7)

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO